



NARRATIVAS CARTOGRÁFICAS: quando o mapa vira texto

Anniele Sarah Ferreira de Freitas
anniesfreitas@gmail.com

Doutoranda em Geografia no Programa de Pós-graduação em Geografia, Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Thiara Vichiato Breda
thiarav@gmail.com

Professora do Instituto de Estudos do Trópico Úmido (IETU) na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa).

RESUMO

O presente artigo trata de uma proposta de atividade realizada durante uma disciplina do curso de licenciatura em Geografia na Universidade Federal de Juiz de Fora. As reflexões mobilizadas ao longo da sua construção, para além de sua concepção inicial, trazem como metodologia fundamental a produção de narrativas à luz da cartografia, da experiência espacial e do raciocínio geográfico, tensionando a formação de professores de Geografia. São apresentados dois fragmentos de narrativas elaboradas por alunos do curso que permitiram a reconstrução e o inacabamento da disciplina e culminando no que defendemos como narrativas cartográficas.

PALAVRAS-CHAVE

Formação de professores, Experiência espacial, Pensamento espacial, Raciocínio geográfico, Narrativa cartográfica.

NARRATIVAS CARTOGRÁFICAS: quando el mapa vira texto

RESUMEN

El presente artículo trata de una propuesta de actividad realizada durante una asignatura del curso del grado en licenciatura de Geografía en la Universidad Federal de Juiz de Fora. Las reflexiones movilizadas a lo largo de su construcción, además de su concepción inicial, traen como metodología fundamental la producción de narrativas a la luz de la cartografía, de la experiencia espacial y del raciocinio geográfico, tensando la formación de profesores de Geografía. Se presentan dos fragmentos de narrativas elaboradas por alumnos del curso que permitieron la reconstrucción y el inacabamiento de la asignatura y culminando en lo que defendemos como narrativas cartográficas.

PALABRAS CLAVE

Formación de profesores, Experiencia espacial, Pensamiento espacial; Raciocinio geográfico; Narrativa cartográfica.

Introdução

*parar para ouvir
desconectar-se de si
apoderar-se das histórias
perder-se pelos caminhos
experienciar os espaços
tecer as narrativas¹*

O poema-epígrafe que apresenta esse texto ressalta a potencialidade das narrativas que vão além da escrita, e que se colocam como uma possibilidade da evocação de registros de experiências espaciais. Quando tecemos significações sobre itinerários, vivências e memórias espaço-temporais criamos possibilidades para movimentos de mapeamentos em que cada sujeito compreende a sua própria espacialidade. Tomaremos assim as narrativas cartográficas como um dos pontos de partida para explorar o pensamento espacial.

O pensamento espacial está presente em nosso cotidiano, seja quando realizamos um trajeto ou um deslocamento aleatório, ou quando marcamos uma rota precisa a ser seguida. Mobilizamos assim, conscientemente ou não, um raciocínio geográfico. Assim, apresentaremos em primeiro uma reflexão, ainda que de forma muito sucinta, sobre

¹ Poema “Bússola suleada” tecido a quatro mãos pelas autoras para apresentar o presente artigo, num Abril visceral de 2018.

concepções espaciais, problematizando a linguagem cartográfica fundamentada sobretudo no campo da *cartografia crítica* e na *linguística sociocultural*.

Posteriormente, abordaremos os princípios orientadores da escrita narrativa e da noção de experiências na interface dos apontamentos *benjaminianos* e *larrosianos*, para assim explorar outras possibilidades de representações que extrapolem a cartografia cartesiana, ao propor uma grafia espacial como experimentação vital.

Por fim, apresentaremos a produção de duas narrativas, como um exercício de reflexão sobre o ato de narrar experiências espaciais realizado durante a disciplina 'Metodologia do Ensino de Geografia' com alunos do 4º período de licenciatura em Geografia, durante o segundo semestre de 2018. Nosso intuito com essa proposta metodológica foi (re)pensar estratégias complementares (e não opostas) dentro de uma perspectiva sociocultural em que os alunos, ao produzirem narrativas cartográficas, pudessem reconhecer a relevância das suas experiências, práticas, produções e representações espaciais.

Concepções espaciais e as linguagens cartográficas

Elaborar mapas com traçados, limites e expressividades não é uma atividade simples. Nem todos os mapas construídos identificam e reconhecem organizações e representações espaciais diferentes da nossa racionalidade. As relações entre cartografia, identidade e cosmologia estão intrínsecas no processo de mapeamento e na própria concepção espacial. Massey (2005) defende que o modo como imaginamos a espacialidade é crucial, pois está atrelado em heranças de discursos filosóficos que criam *geografias imaginativas* a partir da concepção de espaço que cada uma tem. Para Massey, "o espaço é uma dimensão implícita que molda nossas cosmologias estruturantes. Ele modula nossos entendimentos do mundo, nossas atitudes frente aos outros, nossa política" (2015, p. 15).

A definição tripartite *espaço absoluto-relativo-relacional* de Harvey (2015) permite elucidar como as concepções de espaço influem em nossas representações espaciais, nos mapas e na própria concepção de linguagem que perpassa a Cartografia Escolar brasileira.

Para Harvey o *espaço absoluto*:

é fixo e nós registramos ou planejamos eventos dentro da moldura que o constitui. Este é o espaço de Newton e Descartes e é usualmente representado

como uma grade pré-existente e imóvel que permite padronizar medições e está aberto ao cálculo. Geometricamente é o espaço de Euclides e, portanto, o espaço de todas as formas de mapeamento cadastral e práticas de engenharia (HARVEY, 2015, p. 128).

Já a noção de *espaço relativo* é associada principalmente às geometrias não euclidianas, em dois sentidos: primeiro, há múltiplas geometrias a serem escolhidas, e que dependerão daquilo que está sendo relativizado e por quem. Já o terceiro sentido de espaço é o *relacional*, como o espaço que não considera apenas a relação “entre” os objetos, mas também com as relações “contidas” nos próprios objetos (HARVEY, 2015). Ao reconhecer que o espaço pode assumir uma condição absoluta, relativa e/ou relacional Harvey propõe um quadro-síntese abordando essas três concepções, com proposições lefebvriana de espaço percebido (as práticas espaciais), concebido (as representações do espaço) e o vivido (espaço de representação):

Quadro 1: Matriz simplificada de possíveis significados do espaço segundo David Harvey (2015)

	Espaço material (espaço experimentado)	Representações do espaço (conceitualizado)	Espaços de representação (espaço vivido)
Espaço absoluto	Muros, pontes, portas, edifícios, cidades, montanhas, continentes, extensões de água, marcadores territoriais, fronteiras e barreiras físicas.	Mapas cadastrais e administrativos, geometria euclidiana, descrição de paisagem, localização, arranjo e posição. Newton e Descartes	Sentimentos de satisfação, de segurança, de insegurança, de medo, de poder, de dominação em relação aos espaços
Espaço (tempo) relativo	Circulação e fluxo de energia, água, ar, mercadorias, povos, informação, dinheiro, capital, acelerações na fricção da distância	Cartas temáticas e topológicas, geometria e topologia não euclidianas, desenhos de perspectivas, metáforas de saberes localizados. Einstein e Riemann	Ansiedade por não chegar na aula no horário, frustração num engarrafamento, tensões ou divertimentos resultantes da compressão espaço-tempo da velocidade, do movimento
Espaço (tempo) relacional	Fluxos e campos de energia eletromagnéticas, relações sociais, sons, odores e sensações trazidas pelo vento	Surrealismo, existencialismo, psicogeografias, ciberespaço, metáforas de incorporação de forças e de poderes. Leibniz, Whitehead, Deleuze, Benjamin	Visões, fantasmas, desejos, frustrações, lembranças, sonhos, fantasmas, estados psíquicos (e: agorafobia, vertigem, claustrofobia)

Fonte: HARVEY (2015, p. 140) (adaptado)

Como nós geógrafas e geógrafos estamos normalmente acostumados a pensar (e representar) espaço-tempo em termos absolutos e euclidianos, nos é difícil considerar qualquer outra representação ou imaginação espaço-temporal que não a cartesiana. É neste contexto que devemos entender a diferença da concepção espacial associada a linguagem cartográfica. Se a linguagem é o meio fundamental pelo qual damos sentido ao mundo, a cartografia tem o poder de “fabricar” esses mundos, em que representamos o espaço em que vivemos. A nossa noção de espaço corresponde à nossa própria concepção cosmológica e ao nosso lugar no mundo. É por isso que não podemos reduzir as representações apenas ao espaço absoluto e seus componentes físicos e/ou quantificáveis.

Cada mapa produzido é feito por pessoas que adotam códigos “comuns”, representando e partilhando o espaço (e mundos) a partir das suas intencionalidades e concepções, em um jogo de negociação político e sociocultural. Ao reconhecer a contingencialidade dessas várias concepções e suas inserções culturais em uma atitude mais pluralista, “aceitamos” e valorizamos outras concepções espaciais e representações de mundo.

Como muito bem observa Granha (2014), os preceitos da cartografia brasileira são advindos da semiologia gráfica², com fundamentos estruturalistas da escola de Saussure³, que no limite formularam regras para a utilização racional dessa linguagem, transformando o que deveria ser a linguagem cartográfica, que exprime vontade, sentimentos, em língua cartográfica, com suas regras gramaticais fixas, desprovidas de expressividade:

[...] a partir do momento que o campo de conhecimento cartográfico considera, como condição essencial para a existência de todo e qualquer mapa, o processamento de suas mensagens visuais em códigos específicos, a Cartografia, por sua vez, expõe-se reduzida às concepções de língua restrita, ou seja, como meio de comunicação entre indivíduos previamente alfabetizados em determinadas convenções. Nesse contexto a Cartografia afasta-se da concepção mais ampla que envolve a ideia de linguagem como “um sistema de produção de sentidos” (Ibidem, p. 32, destaque no original).

² A semiologia gráfica é a ciência que trata dos sistemas de signos gráficos. Teve como principal representante no Brasil o francês Jacques Bertin (1967), que propôs uma estrutura e padrões de expressões para a representação da informação espacial, em outras palavras, a linguagem dos mapas.

³ Bakhtin (2016) pontua que os fundamentos da doutrina de Saussure evidenciam um esquema do processo ativo do falante e o ouvinte como receptor passivo do discurso. Segundo Bakhtin, “não se pode dizer que esses esquemas sejam falsos e que não correspondam a determinados momentos da realidade; contudo, quando passam ao objetivo real da comunicação discursiva, eles se transformam em ficção científica” (Ibidem, p. 24).

Esses critérios, que priorizam uma determinada normatização e padronização, logo se tornaram hegemônicos ao negarem o caráter regional e particular de outras formas de representação por não se pautarem em seus princípios epistemológicos e regras metodológicas. Segundo Harley (1991) as produções que careciam de orientação, escala ou de elementos da geometria euclidiana estavam à margem do progresso cartográfico ocidental racionalista. Essa concepção de espaço absoluto, e consequentemente cosmológica, marcada pela civilização ocidental, ao não reconhecer o(s) Outro(s) nega consequentemente outras representações ou outra forma de expressão espacial.

A grande questão colocada por Harvey é se “há regras para decidir onde e quando um quadro espacial é preferível a outro?”. Sua resposta é clara:

A decisão de utilizar uma ou outra concepção depende certamente da natureza dos fenômenos considerados. A Concepção absoluta pode ser perfeitamente adequada para as questões de delimitação da propriedade e determinação de fronteiras, mas ela não auxilia em nada na questão sobre o que é a praça *Tiananmen*, *Ground Zero* [...] Não posso encerrar as memórias políticas e coletivas dentro de um espaço absoluto (situá-las claramente em uma grade ou sobre um mapa), nem compreender sua circulação em função de regras, ainda que sofisticadas, do espaço-tempo relativo (HARVEY, 2015, p. 131 -132).

O problema que se vê, é que na cartografia escolar brasileira, ainda prevalece um discurso fixo do mapa atrelado a representação do espaço absoluto e matemático, encerrando com isso futuras possibilidades e interpretações de experiências espaciais que vão além dessa concepção de espaço. Com isso, a finalidade do mapa na cartografia escolar, no limite, não é a apresentação e/ou representação do espaço, mas a técnica do mapa instrumental que segue uma normativa rígida e pouco expressiva (BREDA, 2017b). Pensar as representações dos alunos, e as nossas também, somente como uma tradução de um espaço euclidiano produz um fechamento que elimina a linguagem enquanto expressividade, minando as possibilidades de espaços de representação sem efeito emocional e subjetivo.

Estes argumentos não são novos. Nos últimos anos começou no Brasil uma relação mais estreita entre a cartografia e a linguística, fundamentados sobretudo em referências que perpassam da *cartografia crítica*, tais como em Harley e Woodward (1987) e Harley (2005, 2009), à *linguística sociocultural*, como em Vygotsky (2008) e Bakhtin (2013, 2016). Essas referências vêm ganhando espaço no meio de pesquisas educacionais (embora ainda com pouca repercussão nas práticas escolares), com destaque aos trabalhos de Seemann (2006, 2013, 2014), Katuta (2013), Girardi (2014),

Granha (2014), Cracel (2015) e Gonçalves (2017). Os protestos desses autores não são contra a *cartografia cartesiana*⁴, mas contra a tecnicidade e a neutralidade da concepção de linguagem. Tal crítica baseia-se no fato de que essa abordagem considera o mapa de forma restrita, tornando-o preso às normas que instituem sistemas de classificação excludente. Essa linha se situa na não-neutralidade das representações, por considerarem que toda linguagem não é apenas uma norma, mas nela se emaranham costumes, ideologias, valores identitários e culturais.

A concepção de linguagem atrelada a uma realidade sociocultural garante que nos tornemos autônomos das práticas de representações espaciais, não estando restritos à apenas uma normativa cartográfica. Conforme Faraco (2012, p. 91):

[...] as concepções mais tradicionais de linguagem tendem a conduzir a linguagem, ora a um conjunto de regras (a uma gramática); ora a um momento (a um conjunto de expressões ditas corretas); ora a um mero instrumento de comunicação e expressão (a uma ferramenta bem-acabada que os falantes usam em certas circunstâncias). Podemos observar que todas essas concepções têm algo em comum: elas entendem a linguagem como uma realidade em si (um sistema gramatical, um monumento, um instrumento); como se ela tivesse vida própria, despregada de seus falantes, da dinâmica das relações sociais, dos movimentos da história [...] Pensar a linguagem desse modo é perceber que ela não existe em si, mas só existe efetivamente no contexto das relações sociais: ela é elemento constitutivo dessas múltiplas relações e nelas se constitui continuamente.

A *linguagem cartográfica*, sob essa ótica, trata de uma construção sócio-histórica e que, portanto, reconhece que os mapas (ou qualquer outra representação) instauram suas visões de mundo. Nessa perspectiva da cartografia, o ato de cartografar imagens do espaço é entendido em uma concepção mais ampla da comumente utilizada na *cartografia clássica*, não só geográfica como a escolar, ao considerar uma grande variedade de representações que não necessariamente possuem o rigor da ciência moderna. A cartografia não é vista como um simples registro espacial, mas como uma linguagem porosa (BREDA, 2017b) que possibilita capturar o modo como pensamos e agimos sobre o espaço (seja ele absoluto, ou relacional...) em que a experiência do sensível pode atravessar o que está (carto)grafado.

⁴ Expressão utilizada pelo geógrafo norte-americano Edward Soja (1993) ao expor a questão da ilusão da espacialidade na ciência espacial. O uso do termo *cartografia científica*, *cartografia clássica*, *cartografia moderna* e *cartografia tradicional*, apesar de apresentarem pequenas divergências conceituais, também são utilizadas como referência na cartografia ocidental hegemônica atual.

Das linguagens cartográficas a escrita narrativa: percursos metodológicos da experiência espacial

O texto narrativo é produto do gênero literário cujo o narrador constrói um enredo de espaço e tempo específicos, alternando entre linguagem verbal, visual e/ou gestual, por tradição em prosa podendo desaparecer ou não por trás de seus personagens. Um texto que comumente conhecemos sob forma de romance ou crônica, e nele nos interessa a capacidade do narrador manter viva a comunicabilidade da experiência vinda das tradições orais (BENJAMIN, 2012), o que determina a diferença em termos literários entre o romancista e o cronista. A experiência é o componente principal. “O narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outro. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.” (BENJAMIN, 2012, p. 217).

Para entendermos as experiências e, portanto, partir delas como cerne do pensamento espacial – que já assumimos anteriormente, propusemos, na atividade desenvolvida e aplicada, (descrita no próximo item) pensar narrativamente como uma proposta metodológica, sobre refletir através das experiências espaciais que corroboram com os sentidos de mapeamento que os alunos são capazes de imprimir no cotidiano.

Dentre os variados teóricos que consideram a experiência como a chave que compõe a estrutura de pensamentos sobre a aprendizagem, encontramos abordagens que consideram que a mesma só se constitui como a continuidade de uma sequência de experiências (DEWEY, 1922); metáforas corporificadas de indivíduos (JOHNSON, 1987); ou aquilo que nos toca, transpassa e nos modifica (LAROSSA, 2002). Não temos a pretensão em debater o significado real do conceito, e sim, nos aproximamos de uma apreensão rizomática do que vem a constituir a experiência no espaço, assim consideramos o cotidiano a via de sentidos que estabelece a experiência, cujo o espaço é organizado pelas práticas comuns, do presente, das experiências particulares, das disputas e da solidariedade. Para Certeau (1998) ele é imbricado de “maneiras de fazer”, caminhar e ser, onde sujeitos se entrelaçam, produzem e delimitam narrativamente cada campo do cotidiano.

Em trabalho recente utilizando a pesquisa narrativa como método investigativo, Freitas (2016) assume que a potencialidade do gênero permite ir além dos registros e disseminação de resultados sobre a experiência cotidiana na formação inicial de professores. “É por meio das narrativas que posso descrever uma situação de visão de mundo dentro das experiências vividas [...]” (p. 34), e ainda completa que a palavra

escrita é necessária para nos situar espacial e temporalmente, para além de um hábito geográfico, mas como a natureza do pensar/agir geográfico, a experiência espacial.

A experiência acontece narrativamente. “[...] pensamos narrativamente à medida que entramos na relação de pesquisa com os professores, à medida que criamos textos de campo e escrevemos histórias [...]” (CLANDININ & CONNELLY, 2011, p. 32), pontuam os autores quando apresentam a pesquisa narrativa como trajetória metodológica para trabalhar com docentes que atuam na educação básica. Independente do objeto e sujeitos das pesquisas, estamos em uma relação discursiva que transforma pesquisador e fenômeno. As narrativas podem descrever com muitos detalhes a realidade, porque a narrativa é carregada da experiência individual e social do narrador anterior ao fenômeno.

Pensar narrativamente é o modo como nos comunicamos com nossa própria pesquisa, e assim, nos debruçamos para desvelar os percursos que a define, as vias da experiência. O geólogo tem a tarefa de pensar seu objeto temporalmente, alternando entre hipóteses do presente e do passado. Apesar de seu conhecimento empírico repleto de dados, trabalhos de campo e análises laboratoriais não é possível a reprodução do fenômeno estudado, desta forma necessitam de uma reflexão menos explícita, a construção de uma narrativa que coordene todas as suas metodologias de modo que se conclua, através de observações indiretas, a espacialidade e a temporalidade do fenômeno. É a narrativa que o/nos convence sobre sua historicidade e contingencialidade. Assim, concordamos com Clandinin & Connely quando afirmam “A pesquisa narrativa é uma pesquisa relacional quando trabalhamos no campo, movendo-nos do campo para o texto do campo, e do texto do campo para o texto da pesquisa.” (2011, p. 96).

Por fim, entendemos a narrativa como o texto que preserva a experiência do narrador, aquele que foi atravessado pela experiência e a reconstitui na palavra escrita. Através desse texto ele possibilita ao leitor uma visão do que aconteceu, cuja interpretação só é possível porque o leitor também se constitui de suas próprias experiências. Esse texto não é a totalidade. Ele é uma visão de mundo, uma possibilidade do que aconteceu, porque ele jamais poderá imprimir o real, assim como a experiência do narrador e do leitor.

“É uma inclinação dos narradores começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, isso quando não atribuem essa história simplesmente a uma vivência própria.” (BENJAMIN, 2012, p. 221). Aproximamos esta reflexão com a de Eric Dardel (2011), quando compreendemos

sua interpretação sobre o espaço geográfico e sobre o geógrafo, na qual a linguagem que o geógrafo escolhe “[...] ‘fala’ sem dificuldade à imaginação, bem melhor, sem dúvida, que o discurso ‘objetivo’ do erudito, porque ela transcreve fielmente o ‘texto’ traçado sobre o solo.” (Ibidem, p. 3), e continua afirmando que “o rigor da ciência não perde nada ao confiar sua mensagem a um observador que sabe admirar, selecionar a imagem justa luminosa, cambiante.”

O espaço geográfico, seja de Dardel ou de Harvey é composto de marcas do presente e passado que (de)formam ações e a materialidade da natureza. A espacialização é produzida pelos sujeitos e para os mesmos em diferentes temporalidades.

A realidade geográfica é, para o homem, então, o lugar onde ele está, os lugares de sua infância, o ambiente que atrai sua presença. terras que ele pisa ou ele trabalha, o horizonte do seu vale, ou a sua rua, o seu bairro, seus deslocamentos cotidianos através da cidade (DARDEL, 2011, p. 34).

Daí então, entendemos que o cotidiano é expresso por experiências espaciais. Muito além de uma visão euclidiana que definiu por tanto tempo nossas práticas espaciais e os modos de ver, viver, conceber e apresentar o mundo, uma visão que nos torna capaz de compreender as existentes particularidades e vicissitudes cotidianas, sejam individuais ou sociais, que fazem parte do espaço geográfico. O conhecimento espacial está ao alcance de todos, para Claval (2010, p. 55) “[...] a experiência do espaço é, pois, fundamentalmente, a de suas interrupções, suas rupturas, seus contrastes, sua heterogeneidade [...] ela nasce da experiência que os homens têm dos lugares e das emoções que esta suscita.”

As geografias vernaculares orientaram saberes, práticas e experiências sobre a Terra e estruturam o espaço social (CLAVAL, 2010), dentre tantas práticas espaciais que são compostas no e pelo espaço, a cartografia foi a linguagem central que possibilitou expressar o conhecimento espacial e seus fenômenos. O que propomos com este trabalho é pensar como a cartografia enquanto linguagem original da Geografia está expressa em outros sentidos de mapeamento, e portanto, em como as narrativas cartográficas nos revela uma das formas de pensar espacialmente.

As narrativas, inclusive as que chamamos de cartográficas, nos permitem narrar fatos não somente na ordem cronológica, mas também na ordem temporal da criação dos significados em que os acontecimentos nos fazem sentido (ARNAUS, 1995). É importante frisar que as narrativas cartográficas, assim como os mapas ou qualquer representação, não são testemunhos neutros de um fato ou a descrição fiel de um espaço

(SEEMANN, 2011). Pelo contrário, reproduzem uma experiência espacial dentro das interpretações de quem as constrói. Cada palavra escrita, ou sua ordem, cada fato descrito ou paisagem contada, tudo é um conjunto de escolhas.

Neste contexto a produção de narrativas cartográficas se torna um recurso de compreensão de aspectos da realidade que permite “um pensamento espacial vivo e dinâmico, que conta as geografias de quem caminha” (GONÇALVES, 2017, p. 63) colocando em movimento a própria problematização da concepção de mapa como um processo vivo, de “como você se relaciona com o espaço” (Idem).

Compreendemos então a narrativa cartográfica como um relato de uma experiência espacial subjetiva, que expressa a forma como vivemos, vemos, sentimos e representamos o (nosso) mundo (BREDA, 2017a) e portanto uma ação política, que questiona os pressupostos ocultos da linguagem representacional, em um processo de democratização de uma expressão e experiência espacial que ameniza as assimetrias da produção do conhecimento.

Desenvolvimento e aplicação da proposta de ensino

A proposta metodológica desenvolvida com alunos de licenciatura em Geografia estava inserida dentro do eixo ‘Textos escritos e o ensino de Geografia’ na disciplina ‘Metodologia do Ensino de Geografia’, com o objetivo principal de despertar a compreensão de aspectos da realidade, instigando o pensar no/com o espaço dissociado do mapa enquanto representação-padrão da geografia, e associando-se a narrativa, fazendo, portanto, uma evocação textual, em um exercício de construir uma narrativa escrita a partir de uma experiência espacial.

Tal estratégia metodológica não está centrada apenas na descrição dos acontecimentos/elementos, mas na análise da espacialidade de determinado fenômeno e/ou prática social cotidiana, “que permite apreender a dimensão da espacialidade das/nas coisas do mundo” (CAVALCANTI, 2012, p. 139).

Para tanto, além de trabalhar com os alunos a definição de narrativas cartográficas, utilizamos diferentes exemplos de textos que identificamos sentidos de possíveis movimentos de mapeamento (mesmo que a intenção de alguns desses escritores não estava voltada para temas especificamente geográficos) para que os alunos entendessem as possibilidades da escrita com temas que abordassem a experiência espacial.

Textos utilizados:	
<ul style="list-style-type: none"> • A determinação do Primeiro Meridiano (SEEMANN, 2006) • O mapa nosso de cada dia (SOUZA NETO, 2008) • No deserto de Dali (BREDA, 2017) 	<ul style="list-style-type: none"> • O rio São Francisco no Paraná (ALVES, 1999) • Caminhadas pela cidade - Voyeurs ou caminhantes (CERTEAU, 1998) • Zona Norte, um guia de afetos (SIMAS, 2017)

Ao fazer coletivamente a leitura dos textos, alguns alunos já começaram a resgatar e compartilhar oralmente com a turma relatos de experiências. entretanto, o ato de registrar por escrito foi feito individualmente, e em um intervalo maior, respeitando o tempo de escrita de cada aluno.

Títulos das narrativas produzidas	
Descrição da primeira viagem ao Rio de Janeiro	Vivência espacial entre o labor e a faculdade
Me encontrando ao me perder	Um dia surpreendente
Retrato de uma paisagem	São Paulo tem pressa
Ascensão ao cume	Ali onde?
Lembranças da Vida	Como ouvir o canto dos pássaros?
Bem-vindos ao meu dia...	Apenas uma mochila

Na sequência, apresentamos algumas das narrativas produzidas:

São Paulo tem pressa

(Ataniel Moreira)

São Paulo tem pressa.

É tanta gente que estressa.

Primeiro na igreja a gente se encanta.

Com os moradores de rua se espanta.

Pelo centro muitos aprendizados.

Vimos rios canalizados.

Anhangabaú em tupi é água venenosa.

Em bom português é paisagem criminosa.

*No mercadão é uma correria.
O vendedor grita com euforia: aqui tem promoção todo dia.
É tanto produto que se desperdiça.
Que na esquina há quem peça por justiça por um prato de hortaliças.
Na cidade subterrânea
São tantos túneis que se estranha
A correria do vai e vem das pessoas
Atrás dos trens, a vida voa.
A Paulista com a faixa para os ciclistas.
Encanta qualquer olhar capitalista.
São tantos prédios altos quanto nossos sonhos
Mas também o palco de pesadelos bisonhos.
Tudo me interessa.
Cada canto se expressa.
São Paulo tem pressa.
Eu quero viver numa loucura dessas.*

Como se observa na narrativa acima, Ataniel descreve São Paulo sob olhos de quem enxerga a cidade pela primeira vez. Não é somente o senso comum sobre a cidade. É a soma das insignificâncias que fazem da capital paulista, a capital paulista. Para aqueles que vivem na cidade de São Paulo, ou qualquer outra grande cidade e metrópole, São Paulo só reproduz a fluidez densa que a constitui. Para quem não a vive, cada fragmento do cotidiano é imenso. Imenso em estrutura, em gestos, em sons, em cheiros, em velocidade.

Estar em São Paulo, pela primeira vez, definitivamente desloca toda a subjetividade e trajetória de vida que carregamos. Tudo na cidade assemelhasse e estranha nossos percursos. Porque São Paulo se impõe e nos atravessa, como se dissesse: *por que – aqui – comigo, e não – lá – com você?*

O início do reconhecimento de um lugar que há tanto habita nosso imaginário, não nos exige de reproduzir tais recursos memorísticos. Não há como estar, ser, sentir descrever/representar uma cidade global de uma forma neutra. O sentido de narrar cartograficamente a chegada numa cidade tensiona nossas memórias e, aquilo que Larrosa (2002) chama de não-experiência. A não-experiência é construída pelo apanhamento de informações e dados que apenas compõem um cenário que nada modifica ou transforma nossa experiência, no entanto, acreditamos que em uma

sociedade cosmopolita exageradamente interligada por redes sociais, tal conceito exige mais cuidado e questionamento, uma vez que todas as informações e memórias que carregamos de um lugar que não conhecemos pessoalmente, fazem parte da construção da experiência de estar e conhecer o lugar. São Paulo é a cidade que pensamos conhecer e tudo mais que não somos capazes de enxergar, ainda que sejamos habitantes deste espaço.

Ascensão ao cume

(Flávio Augusto)

[...] Primeiro percorremos uma grande várzea, é a planície de inundação do Rio Cervo, importante contribuinte do Rio Sapucaí, que vai se juntar com o Grande e formar a Represa de Furnas, já fui pescar algumas vezes por lá, mas essa história fica para outro dia. Atravessamos a ponte sobre o rio, esta mesma construção marca o início da ocupação dessas terras por portugueses e paulistas no século XVIII.

Logo a frente inicia a nossa subida, entramos em uma estradinha antiga, usada por quem não usa automóvel, um amigo comenta que seu avô e pai passavam por ali de carro de boi. São 3 km de muita subida, alguns cascalhos soltos, mas o bastão está ali para apoiar e dar equilíbrio. Saímos na estrada principal, primeiro desafio superado.

[...] Mais 3 km pela estrada principal, nesse caminho vejo algumas casa e também que já há pessoas tirando o leite das vacas, encontramos com trabalhadores que estão indo cuidar de suas lavouras, são quase 5 horas da manhã e o campo já está se movimentando a todo o vapor, enquanto isso a cidade ainda está preguiçosa e sonolenta.

Adentramos outra estradinha antiga e lá vem mais subida, mais pedregulhos soltos. Olhando para Leste já é possível ver as primeiras luzes desse dia. Luzes que já tornam possível visualizar o objetivo final e para lá seguimos.

Entramos em um pedaço de mata, escura, úmida, escorregadia. Estou dentro de um fragmento da Mata Atlântica. Um fragmento que sobrevive graças a serra, com sua declividade e as leis de proteção ambiental.

Opa, saindo da mata vejo que já estamos próximos ao topo da serra, mais 5 minutinhos de caminhada e já estamos lá, olho para o relógio e já são 5:52. Vai dar tempo de ver o astro rei surgir, vai dar tempo de o ver clarear toda a planície do Rio Cervo.

[...] Agora aquecidos, hidratados e descansados podemos lá do topo da serra observar nossa cidade, miudinha, com seu arranjo simétrico, suas poucas ruas,

identificamos nossas casas, fazemos estimações para onde a cidade vai crescer e se vai crescer. Daqui a pouco estaremos nela novamente.

Do topo de São Domingos com seus 1415 metros de altitude podemos ver o prolongamento oeste-leste da Serra do Cervo, ainda não estudei sua composição geológica, mas intuitivamente consigo relacioná-la aos extravasamentos vulcânicos do vulcão de Poços de Caldas, não muito longe dela.

Também é possível ver outras cidades, dentre elas as cidades médias de Pouso Alegre e Santa Rita do Sapucaí, me recordo de Amorim e também das aulas sobre tecnopólos, bom, mas já estou divagando demais e tenho que descer a serra toda agora.

Ficou o relato de mais uma ascensão a um dos cumes da Serra do Cervo, fica gravado na memória e registrado pelas lentes das câmeras dos celulares mais um nascer do astro rei.

Conforme se observa na narrativa do Flávio Augusto, o movimento de mapeamento permitiu ir além da visão da representação espacial matemática voltada para o espaço absoluto, mas para um espaço habitado por um corpo biológico/social (LEFEVRE, 2006). Seu 'objetivo' não foi, portanto, a confecção de um mapa como produto final, e sim, estar no mapa, como aquele que vive o espaço e permite que suas experiências se transformem numa das possíveis formas de representação do movimento de mapeamento. Assim como Lefevre nos instiga ir além do espaço absoluto, Dardel em outra perspectiva nos oferece a compreensão do espaço geográfico como o produto das experiências humanas para além do espaço geométrico:

Se a geografia oferece à imaginação e à sensibilidade, até em seus voos mais livres, o socorro de suas evocações terrestres, carregadas de valores terrestres (terriennes), marinhos ou atmosféricos, também, sempre espontaneamente, a experiência geográfica, tão profunda e tão simples, convida o homem a dar a realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana interior ou social. (DARDEL, 2015, p.6)

Assim, para Dardel, o espaço geográfico não é somente uma superfície que afeta o homem na percepção interpretada pelo intelecto, mas na própria experiência no/com o espaço.

Que espaço geográfico aparece essencialmente qualificado por uma situação concreta que afeta o homem, isso é o que prova espacialização cotidiana que o espacializa como afastamento e direção. A distância geográfica não provém de uma medida objetiva, auxiliada por unidades de comprimento previamente determinadas. ao contrário, o êxito de medir exatamente resulta dessa preocupação primordial que leva o homem a se colocar ao alcance das coisas que o cercam. A distância é experimentada não como uma quantidade, mas

como uma qualidade expressa em termos de *perto* ou *longe*. **O que está perto é o que pode se dispor sem esforço, o que está longe exige um esforço e, implicitamente, um desejo de se aproximar.** O afastamento de um lugar, de uma vila, da montanha é sentido como uma caminhada penosa ou fácil: ela está a três horas de caminhada. O afastamento não depende diretamente da distância efetiva; tal localidade situada a três quilômetros é, de fato, mais afastada, num pendente elevado na montanha, que outra situada a cinco quilômetros, mas no vale. [...] O afastamento real, o que é geograficamente válido, depende dos obstáculos a serem vencidos, do grau de facilidade que um homem coloca um lugar ao seu alcance. Nos ocorre mesmo de sermos obrigados a tomar distância a recuar, para colocar um cimo montanhoso ao alcance da nossa vida ou para fazer uma fotografia aérea. (DARDEL, 2015, p.10/11. Grifo nosso)

E sem conhecer o texto de Dardel, Ataniel e Flávio Augusto, afastaram-se do conhecido e do desconhecido com um desejo de aproximar de um lugar. Aproximar-se geograficamente assume reduzir ou suprimir distâncias, realidades que são produto de uma paisagem. A realidade geográfica é o lugar onde o homem está (DARDEL, 2015). Com isso, suas narrativas nos incubiram de refletir sobre as práticas de significação espacial (STRAFORINI, 2018)⁵ que compõem nossa trajetória formativa enquanto professores de Geografia.

O exercício de lembrar, reviver, selecionar, organizar e sistematizar por escrito essas experiências espaciais, no que aqui chamamos de narrativas cartográficas, consistiu na possibilidade de resgatar histórias individuais, e portanto uma reconstrução espacial subjetiva do aluno/escritor, uma vez que as escolhas das informações passaram por um processo de reflexão que mobilizou habilidades geográficas.

A escrita narrativa abriu brechas para relatos de como o lugar foi experimentado, ou seja, uma espacialização da experiência narrada, em que o aluno/escritor descreveu e/ou (re)criou lugares, uma vez que nos interessava mais as estratégias utilizadas para descrever uma experiência em um espaço, como escrever/sentir/interpretar as informações se conectando no enredo e no espaço do acontecimentos através de suas palavras escritas.

⁵ Segundo o autor “ [...] o próprio processo de significação do conhecimento espacial que se produz e reproduz nas escolas é também uma prática espacial, reverberando na visão de mundo dos estudantes e nas suas práticas espaciais cotidianas (*práxis*) e o quanto essa visão de mundo está articulada em processos de significação que possibilitam a existência ou a negação de uma ou mais dessas próprias práticas espaciais.” (STRAFORINI, 2018, p.189), levando, então, a um processo de significação da formação do indivíduo.

Algumas considerações

Diante do que pontuamos aqui, temos que esclarecer que não é nossa intenção uma mudança drástica nos conteúdos ou metodologias da cartografia escolar, ou tampouco apresentar um modelo de narrativa cartográfica para se trabalhar em sala de aula. Nossa intenção é reconhecer a cartografia em um contexto cultural mais amplo, em várias formas de expressões da criatividade humana, em que a identidade, pertencimento, e até estranhamentos possam ser revelados.

Conforme já pontuado por Seeman (2014), às relações entre literatura e geografia se aproximaram nos últimos anos, rompendo com as concepções tradicionais sobre textos e mapas ao destacarem elementos geográficos presentes nos romances, poemas, obras não ficcionais, principalmente pela virada processual e pós-estruturalista na geografia cultural e na cartografia.

Nossa experiência com produção de narrativas cartográficas enquanto proposta metodológica para o desenvolver um pensar geográfico, confirmou nossas expectativas anteriores (BREDA & FREITAS, 2018). Identificamos que através da sistematização por escrito de uma experiência espacial, os alunos podem exercitar habilidades como observar e descrever o espaço ou até mesmo entender interações e/ou sobreposições de vários fenômenos em suas diversas escalas. Tal exercício também pode revelar como o narrador, criança ou adulto, aluno ou professor, percebe, concebe, conceitua, descreve representa o espaço, no que chamamos de movimentos de mapeamento, abrindo uma nova dimensão de mapas para além da ideia da representação euclidiana.

Trata-se, portanto, de ampliar nossas reflexões acerca da linguagem, para uma cartografia escolar porosa (BREDA, 2017b), entre mapas de papel e imagens aéreas, entre croquis e desenhos, entre escritos e arte, que mobilizem nosso pensamento espacial. Conforme nos provoca Seemann (2013, p 112) “não há limites para a nossa criatividade. Afinal, a cartografia é uma linguagem para expressar ideias, conceitos, emoções e atitudes, E isso não exclui a poética do espaço” e da vida.

Agradecimentos: Ao Ateliê de Pesquisas e Práticas em Ensino de Geografia – Apegeo; e, em especial, aos alunos e alunas da turma de “Metodologia do Ensino de Geografia” 2018/2 da Universidade Federal de Juiz de Fora por compartilharem suas experiências espaciais. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de financiamento 001.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem. O rio São Francisco no Paraná. **Folha de São Paulo**, 11/07/1999. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz11079909.htm>> Acesso em 24 de maio de 2019.
- ARNAUS, Remei. Voces que cuentan y voces que interpretan. In: LARROSA, Jorge et al. **Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa en educación**. Barcelona: Editorial Alertes, 1995. p. 61-78.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de estilística no ensino da língua**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- _____. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas: Volume 1. São Paulo: Brasiliense, 2014.
- BERTIN, Jacques. **Sémiologie Graphique**. Les diagrammes, les réseaux, les cartes. Paris, La Haye, Mouton, Gauthier-Villars, 1967.
- BREDA, Thiara. Vichiato. Cartografando trajetórias: a (trans)formação de experiências. In: **Anais... VII Fala outra Escola: Re-existir nas pluralidades do cotidiano**. Campinas, p. 1-20, 2017a.
- _____. **“Por que eu tenho que trabalhar lateralidade?” - experiências formativas com professoras dos anos iniciais**. Tese (Doutorado em Ciência e Doutorado em Educação) Universidade Estadual de Campinas, Universidade Autónoma de Madrid, Campinas, 2017b.
- _____; FREITAS, Anniele Sarah Ferreira. Narrativas cartográficas e experiências espaciais: possibilidades para a cartografia escolar In: **Anais... X Colóquio de Cartografia para Crianças e Escolares**, p. São Paulo, 2018.
- CERTEAU, Michael. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: experiências e história em pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- CLAVAL, Paul. **Terra dos Homens – a Geografia**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CRACEL, Viviane Lousada. **Revisitando os mapas em sala de aula: outras possibilidades teórico-metodológicas**. Tese (Doutorado em Ciências), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DEWEY, John. **Art as experience**. Toms River, N.J.: Capricorn book, 1922.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem escrita e alfabetização**. São Paulo: Contexto, 2012.
- FREITAS, Anniele Sarah Ferreira. **Formar professores-pesquisadores numa escola de bacharéis: a cultura do Pibid de geografia da Unicamp**. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Geografia: Unicamp, 2016.
- GIRARDI, Gisele. Cartografia geográfica: entre o “já-estabelecido” e o “não-mais-suficiente”. **Revista Ra’e Ga: O espaço geográfico em análise**, v.30, p.65-84, 2014.
- GONÇALVES, Amanda Regina. Narrativas cartográficas e a conexão entre mapa e experiências. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 13, p. 51-66, 2017.
- GRANHA, Gustavo Souto Perdigão. A simplificação da “linguagem” Cartográfica à condição de técnica subordinada à Geografia. In: SANTOS, Clézio dos GRANHA, Gustavo Souto Perdigão (Orgs). **Visualidades cartográficas e Geografia: A multiplicidade das Imagens no Ensino Básico**. Nova Iguaçu: Agbook, 2014. p. 11-56.
- HARLEY, John Brian. **La nueva naturaleza de los mapas: ensayos sobre la historia de la cartografía**. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.

_____. Mapas, saber e poder. **Confinis**. Revista Franco-brasileira de Geografia, n. 5, jan./jul. 2009.

_____; WOODWARD, David. (Eds.). **The History of Cartography**: Cartography in Prehistoric, ancient, and Medieval Europe and the Mediterranean. Chicago: University of Chicago Press, v. 1, 1987.

HARVEY, David. O espaço como palavra-chave. **Em Pauta**, Rio de Janeiro, n. 35, v. 13, p. 126 – 152, 2015.

JOHNSON, Mark. **The Body and the mind**: the bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

KATUTA, Ângela. Massumi. A(s) natureza(s) da cartografia. **Geograficidade**, v. 3, Número Especial, Primavera, p. 7-21, 2013.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. p. 20-28. Jan/Fev/Mar/Abr. n 19, 2002.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**. Uma Nova política das espacialidades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

SEEMANN, Jörn. A aventura cartográfica. In: SEEMANN, Jörn. (Org.) **Perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006. p.111-129.

_____. **Carto-crônicas**: Uma viagem pelo mundo da Cartografia. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2013.

_____. O Ensino de cartografia que não está no currículo: Olhares cartográficos, “cartofatos” e “cultura cartográfica”. In: NUNES, Flaviana Gasparotti (Org.). **Ensino de geografia: Novos olhares e práticas**. Dourados: Editora da UFGD, 2014. p.37-60.

SIMAS, Luiz Antônio. **Coisas nossas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

SOJA, Edward. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

SOUZA NETO, Manoel Fernandes. **Aula de Geografia e algumas crônicas**. Campina Grande: Bagagem, 2008.

STRAFORINI, Rafael. O ensino de Geografia como prática espacial de significação. **Estudos Avançados**; p.175-195; 32 (93), 2018

VYGOTSKY, Lev Semiónovich. **Pensamento e linguagem**. São Por Paulo: Martins Fontes, 2008.

Recebido em 03 de junho de 2019.

Aceito para publicação em 22 novembro de 2019.